

ÍNDICE PORTO página 2. UP página 5. PAÍS página 6. EDUCAÇÃO página 8. MEDIA página 9. ÚLTIMA página 10.

Fontainhas: O Porto esquecido mora junto ao rio página 2



Casas das Fontainhas em mau estado

Inês Figueiras - ljcc05045@icicom.up.pt

Ruínas de 50 habitações permanecem na escarpa das Fontainhas desde derrocada ocorrida em 2000. Alguns moradores desconfiam da segurança da escarpa, outros não a querem abandonar.

É entre o contraste da vista privilegiada para o Douro e a imagem desoladora de dezenas de casas em ruínas, que os habitantes da escarpa das Fontainhas, no Porto, relembram um dia de tristeza.

As chuvas do Inverno de 2000 ditaram o aluimento de terras, seguido da derrocada do muro de suporte do Bairro da Tapada, obrigando ao realojamento de cerca de 50 famílias. Aproximadamente 30 famílias convivem ainda hoje com o que sobra das casas devolutas. “Foi uma desilusão muito grande. Nós éramos aqui uma família autêntica”, desabafa uma das actuais mora-

doras, que preferiu não se identificar.

Um muro com um pequeno portão fechado à chave separa as casas habitadas dos escombros cobertos por uma extensa vegetação. Foi construído por dois moradores, com o objectivo de impedir a passagem de toxicodépendentes, que passavam pelo meio das habitações e se refugiavam nas ruínas. Do lado habitado do Bairro da Tapada, algumas casas demonstram sinais de debilidade. A mesma moradora diz sentir-se segura em casa, apontando outras habitações “que não estão em condições”.

Mais à frente, confessa que as obras de construção de novas habitações, a decorrer neste momento no cimo da escarpa, podem originar “qualquer coisa, a qualquer momento”. “Quando andaram ali a tirar as rochas a minha casa tremia toda”, revela. Tiago Castro, morador do Bairro da Tapada há cerca de 20 anos, acredita que a escarpa

é segura, pelo menos do lado onde há habitantes, pois estão “em cima de rocha”.

Os olhos de um outro morador, que optou por não se identificar, espelham revolta. Compara a escarpa das Fontainhas à da Serra do Pilar, do outro lado do rio, onde estão a ser minimizados os riscos. “Só se importam quando cairmos ao rio”, diz.

Segundo Maria de Fátima Birra, uma das proprietárias das habitações do Bairro da Tapada, todas as casas foram construídas há cerca de século e meio. Na altura da derrocada, “nenhuma casa caiu”, diz, e que o estado actual das habitações se deve às intempéries. “O mal foi realmente a encosta, que há imensos anos que estavam sempre a dizer que iam arranjar e nunca se arranjou”, acusa.

Reportagem com fotogaleria

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/28>

Sinais de degradação são evidentes



Concessões a privados: uma estratégia polémica

Joana Caldeira Martinho - ljcc0505l@letras.up.pt

Concessões da autarquia portuense a privados têm sido alvo de críticas. O JPN foi ouvir várias opiniões sobre o tema.

A Câmara Municipal do Porto (CMP) tem levado a cabo uma política de concessões a privados de serviços (como a recolha de lixo) e infra-estruturas (como o Mercado do Bolhão e o Rivoli), que tem suscitado alguma polémica. Embora ainda não tenham sido efectivamente celebradas muitas das parcerias entre o sector público e o privado, estruturas como o Bolhão e a Praça de Lisboa já foram concessionadas, com vista a serem reabilitadas e rentabilizadas.

As concessões representam “uma resposta aos problemas sem levantar encargos orçamentais”, afirma José Costa, economista e professor na Faculdade de Economia da Universidade do Porto. No Porto, as parcerias público-privadas (PPP) têm servido

principalmente para reabilitar zonas e edifícios. Reconhece que este tipo de parceria “pode evitar o endividamento” das autarquias, mas, “se a gestão não for bem feita, pode hipotecar o futuro”.

Dependendo das condições impostas, as concessões podem tornar-se desvantajosas a longo prazo. O economista dá o exemplo dos parques de estacionamento: “não se acautelam as tarifas [no contrato] e mais tarde chega-se à conclusão que a concessão é muito longa para serem praticadas tarifas tão altas”. No entanto, José Costa reconhece que, muitas vezes, cláusulas pouco vantajosas são necessárias, para “diminuir o risco” de investimento e para cativar “pessoas com experiência e poder financeiro”.

Paulo Cunha e Silva, antigo director do Instituto das Artes, acredita nas vantagens da política concessionária, na medida em que “alivia a autarquia e dá aos privados

território de intervenção”. “É um apelo à sociedade civil”, acrescenta. No entanto, Cunha e Silva reconhece que concessionar uma infra-estrutura não significa “fugir às responsabilidades”. A autarquia deve fiscalizar, sobretudo em concessões com valor sócio-cultural, diz o também professor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, “para que o interesse público não seja hipotecado”.

Por outro lado, João Teixeira Lopes, sociólogo e dirigente do Bloco de Esquerda, não vê “vantagem absolutamente nenhuma” nas actuais concessões, que classifica de “abuso de poder”. “Estamos a hipotecar o passado, o presente e o futuro”, considera João Teixeira Lopes, face à duração das concessões até agora concertadas, como no caso do Mercado do Bolhão que foi concessionado à TramCroNe por 50 anos.

>>><http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/27/>

Rivoli foi
concessionado a
Filipe La Féria



Sean Kingston na Queima do Porto

Sandra Silva - ljcc05069@letras.up.pt

Blasted Mechanism, Jorge Palma, Clã e Xutos são outros cabeças de cartaz. Pela primeira vez, Missa da Bênção das Pastas será celebrada em plena Avenida dos Aliados.

O alemão Gentleman e o norte-americano Sean Kingston (na foto) são os nomes internacionais que este ano vão actuar na Queima das Fitas do Porto deste ano, que decorre entre 4 e 10 de Maio.

Na apresentação do cartaz, Vladimiro Feliz, vereador da Juventude, afirmou que o Porto “já não vive sem Queima das Fitas” e que as actividades “põem a cidade a mexer”.

Este ano, pela primeira vez, a Missa da Bênção das Pastas será celebrada em plena Avenida dos Aliados. “Foi um desafio que a Federação Académica do Porto (FAP) nos lançou, e é para nós um motivo de orgulho. Será marcante”, garantiu.

Os Plaggio, vencedores do concurso de bandas de garagem da FAP, são os primeiros a actuar, na madrugada de 4 de Maio. Depois sobem ao palco principal os Blasteds Mechanism, banda já habitual nas noites da Queima.

No domingo, dia 4, os concertos ficam a cargo dos portugueses David Fonseca e Jorge Palma. O alemão Gentleman actua na segunda-feira, dia 5. O músico de reg-

gae vai ser antecedido pelo português Sam The Kid.

Depois do habitual cortejo, na terça-feira a animação cabe a Quim Barreiros, que este ano vai actuar depois dos Diapasão. Na quarta-feira, dia 7, a lusofonia estará representada pelos Irmãos Verdades, grupo angolano de kizomba, e pelos Clã, que regressam para apresentar o seu novo disco, “Cintura”.

O rapper e cantor de reggae Sean Kingston marca presença na quinta-feira. O músico, responsável pelo êxito “Beautiful Girls”, actua depois dos Trabalhadores do Comércio, banda que se notabilizou com o sucesso dos anos 80 “Chamem a polícia”.

A banda de Coimbra WrayGunn abre a noite para os Xutos e Pontapés, na sexta-feira, dia 9. O último dia, 10 de Maio, é dedicado ao hip-hop nacional. Os Da Weasel encerram as noites da Queima, depois da actuação dos Expensive Soul. Paralelamente aos concertos do palco principal, diariamente haverá actuações nas tendas do Cine Jazz e da Discoteca.

O Queimódromo, situado no Parque da Cidade, foi cedido à FAP na semana da Queima das Fitas por mais cinco anos.

Bilhetes à venda

Os bilhetes custam entre 6 e 7 euros para estudantes e 12 e 14 euros para não-estudantes. Estarão disponíveis a partir de segunda-feira, dia 28, na FAP, nas instituições de ensino superior, no El Corte Inglés e no próprio Queimódromo.



>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/22/>

Discos de vinil contam a Revolução dos Cravos

Joana Correia - ljcc05050@letras.up.pt

Exposição “Abril Vinil” abre portas numa organização conjunta com o Museu Nacional de Imprensa, que juntou discos editados após a Revolução dos Cravos.

A dois dias da comemoração dos 34 anos da revolução que pôs fim à ditadura em Portugal, o Museu Nacional de Imprensa juntou-se à Universidade do Porto (UP) para apresentar uma nova exposição. “Abril Vinil” conta com cerca de 100 discos de vinil de 33 e 45 rotações que surgiram no período revolucionário do pós-25 de Abril de 1974.

Músicas de intervenção que congratulam a liberdade finalmente conseguida fazem parte dos discos expostos. Também as capas estão intimamente ligadas ao período da revolução, ilustrando os acontecimentos da época com diferentes qualidades gráficas ao nível do design e da impressão.

Nomes como Sérgio Godinho, Fausto, Manuel Freire, Manuel Alegre e TonichaTonicha podem ser encontrados no conjunto de discos disponíveis na reitoria da UP.

Amália Rodrigues editou, também, vários temas do mesmo género como “Meu Amor é Marinheiro”, com letra de Manuel Alegre, em 1974. Esse disco, juntamente o “Grândola, Vila Morena”, de José Afonso, e “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, de José Mário Branco, são considerados aqueles de maior destaque.

A abertura de “Abril Vinil” foi acompanhada de declamações de poemas de José Afonso e de Manuel Alegre por Júlio Couto. A música não poderia deixar de estar presente e João Teixeira interpretou “Lágrimas Negras” de António Gedeão e “Os Vampiros” de José Afonso.

O Museu Nacional da Imprensa apresenta uma nova exposição sobre o 25 de Abril todos os anos. “Abril Vinil” integra-se nas comemorações e vem juntar-se às seis

mostras que o museu apresenta de Norte a Sul do país.

A exposição vai manter-se na reitoria da Universidade do Porto até ao final de Maio.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/23/>

Cerca de 100 discos de vinil editados após o 25 de Abril fazem parte da exposição “Abril Vinil”





34 anos de liberdade

Ex-instalações da PIDE no Porto receberam visita de antigos presos políticos, com organização do movimento “Não apaguem a memória”.

Sara Fidalgo - lj04083@icicom.up.pt

Ex-presos políticos visitaram as antigas instalações da PIDE do Porto

Apesar de actualmente se chamar Museu Militar do Porto, o arame farpado em volta dele e as memórias de quem viveu a parte mais aterradora da ditadura do Estado Novo não esquecem que naquele lugar estiveram presos mais de 50 mil pessoas, torturadas e humilhadas às mãos da extinta PIDE.

Entre celas, salas de interrogatório e de espera e os chamados “armazéns colectivos” (onde ficavam detidas, juntas, sete ou oito pessoas) a visita guiada às antigas instalações da PIDE do Porto, este sábado, organizada pelo movimento “Não apaguem a memória”, recupera memórias amargas. “Para mim é sempre doloroso vir e falar”, disse Pedro Baptista, ex-presos político.

A visita foi guiada por “Pisco”, nome pelo qual é tratado desde os tempos do Estado Novo. Com uma explicação breve e emotiva, o antigo preso explicou como tinha sido submetido às torturas do sono e da estátua, agredido física e psicologicamente e isolado em celas “imundas, onde até existiam percevejos”.

“Pisco” conta que os únicos momentos em que podia conviver era quando o fechavam nos chamados armazéns, ou celas colectivas. “Durante o dia fazíamos preparação física para aguentar a tortura. À noite, cantávamos”, disse. O ex-presos político conta também que se mantinha entretido, na sua cela, a espreitar pela janela para tentar ver a rua. “Procurávamos ver cores, um amarelo, um vermelho, um verde. As janelas estavam tapadas com redes muito

cerradas, não dava para ver as pessoas”, contou “Pisco”.

Vindo do Barreiro, Álvaro Monteiro também quis marcar presença nesta celebração. O antigo preso político contou ao JPN que ficou detido no Porto numa tentativa da PIDE de o isolar de um meio onde tinha grande apoio. “Nesse mesmo dia em que vim para cá, houve uma grande manifestação no Barreiro. Trazer-nos para aqui era uma tentativa de nos fragilizar para obter confissões”, disse Álvaro Monteiro.

“Se não tivesse sido preso político, não seria o homem que sou hoje”. São palavras de “Estaline Rodrigues”, nome pelo qual é tratado pelos outros “camaradas”. Esta foi a primeira vez que o antigo preso político, também do Barreiro, voltou ao local onde esteve preso durante a ditadura. “Estou muito emocionado por estar aqui”. “Há quem pense que a tortura da PIDE era levar dois estalos, mas não era”, disse.

Trazido algemado do Barreiro para o Porto, numa carrinha que tinha um buraco para os presos fazerem as necessidades, foi diversas vezes interrogado no Porto. “Uma vez disseram-me: ‘só saís daqui se falares, ou morto’. Levaram-me para perto da janela, apontaram para o cemitério e disseram-me que era para ali que ia”, contou.

Junto das escadas que levavam à sala de interrogatórios principal, “Pisco” contou como eram comuns as tentativas de suicídio por parte dos presos. “Eu próprio pensei em atirar-me das escadas abaixo, muitos pensaram nisso. Acho que ninguém se suicidou, mas houve várias tentativas”.

As tentativas de fuga eram outra constante, conta José Castro. Ao todo, 64 presos conseguiram fugir da PIDE do Porto, entre os quais está a fuga emblemática de Palma Inácio, nos anos 70, que conseguiu saltar o muro.

Segundo o movimento “Não apaguem a memória” mais de 50 mil pessoas estiveram detidas nas instalações da PIDE do Porto, 80 das quais terão morrido lá dentro.

“Há quem pense que a tortura da PIDE era levar dois estalos”

Sucesso escolar no Ensino Superior aumentou em Portugal

Inês Figueiras - ljjc05045@icicom.up.pt

Índice de sucesso está mais próximo da média dos restantes países da OCDE. Ensino privado apresenta melhores resultados.

O índice de sucesso escolar no ensino superior aumentou 2,8% em Portugal, fixando-se nos 69%, indica o relatório divulgado este mês pelo Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), referindo-se ao período de 2003/2004 para 2005/2006.

Os dados revelam uma aproximação de Portugal à média dos países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) que, em 2003/2004, se situava nos 70%.

De acordo com o relatório (em PDF), que apenas tem em conta os cursos de formação inicial (bacharelatos e licenciaturas), o índice de sucesso escolar é mais elevado no ensino privado. Enquanto no ensino superior público são as universidades que apresentam melhores resultados, no privado é o ensino politécnico que mais contribui para o sucesso escolar.

Os níveis de sucesso escolar mais elevados observam-se nos cursos das áreas da Saúde e dos Serviços Sociais, tanto no ensino pú-

blico como no privado. A formação de professores também soma pontos, sobretudo no privado. Direito apresenta os melhores resultados no ensino público.

Por outro lado, o insucesso escolar é visível nas áreas da Informática, das Engenharias e das Ciências da Vida.

Os critérios do índice

O índice de sucesso escolar é calculado com base na proporção de diplomados de um determinado curso ou grau em relação aos inscritos pela primeira vez nesse curso “n” anos antes, sendo “n” o número de anos de duração da formação.

A adoção, em 2005/2006, do modelo do processo de Bolonha em algumas instituições, justifica os valores de insucesso muito elevados de alguns cursos, nomeadamente os bi-etápicos. Nestes casos, muitos alunos do 3º ano optaram por se integrar nas licenciaturas adequadas a Bolonha, em vez de solicitarem a emissão do diploma de bacharel, como se verificou, por exemplo, na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, onde o insucesso escolar atingiu os 96%.

O relatório não teve em conta factores como a variação do número de vagas e a alteração da denominação e duração de alguns cursos. As transferências de curso, os

reingressos, os abandonos e as mudanças de planos curriculares também não foram considerados o que, segundo o próprio relatório, poderia “afectar significativamente os resultados”.

50 anos de “Jornal de Notícias” passados para livro

Duarte Monteiro - ljcc05037@icicom.up.pt

*“Memórias de notícias do jornal”
compila muitas das vivências do
jornalista Frederico Martins Mendes
ao longo de 50 anos no “JN”.*

O antigo director do “Jornal de Notícias” (“JN”), Frederico Martins Mendes, é autor do novo livro “Memórias de notícias do jornal”.

O jornalista e docente do curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto confessa, ao JPN, que “a ideia de escrever um livro nasceu na última entrevista” que deu “na despedida como director do JN”. “Foi uma jornalista, amiga de há muitos

anos, que me propôs a ideia e eu prometi que se tivesse tempo escrevia um livro sobre as minhas memórias de 50 anos no JN”, explicou.

A obra conta histórias “interessantes para os leitores, porque revelam a forma como certas coisas se passaram no interior dos jornais”. “Cachas”, reportagens sobre o 25 de Abril, os informadores (ou “anjos telefónicos”, como gostava de os tratar), entre outras histórias, enchem as páginas do livro.

Até Marcelo Rebelo de Sousa tem um lugar especial. “Considerava-me o seu companheiro mais divertido”, confessou o antigo

director do “JN”. Para os amantes do futebol, as entrevistas a Maradona e a Raymond Domenech, seleccionador francês, e a cobertura dos Mundiais do México e França são outras das curiosidades contadas nas mais de 600 páginas da obra.

“Hoje há mais funcionários dos jornais e do computador” do que jornalistas, desabafa. “Eu tenho uma história de um naufrágio em que estive dias à chuva e ao frio, hoje nenhum jornalista faz isso. Está sempre à espera da hora para acabar o trabalho e ir para casa”, justifica.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/22/>

Xavier Malcata recebe galardão internacional

Filipa Castro Reis - lj04019@icicom.up.pt

Prémio do Institute of Food Technologists, dos EUA, atribuído pela primeira vez a cientista portuguesa.

O director da Escola Superior de Biotecnologia e professor catedrático da Universidade Católica Portuguesa, Xavier Malcata, foi o primeiro cientista português a receber o prémio "Samuel Cate Prescott", atribuído pelo Institute of Food Technologists (IFT), dos Estados Unidos.

A investigação incidiu sobre "um conjunto de intervenções que representam um leque bastante alargado de matrizes alimentares, sendo também alargado o número de disciplinas que foram necessárias, no-

meadamente a Engenharia e Tecnologia, a Biologia, a a Química e a Física", explicou Malcata.

Xavier Malcata passa, assim, a integrar a lista de nomes proeminentes na área dos alimentos que receberam o prémio, como Theodore P. Labuza e R. Paul Singh.

"É uma satisfação pessoal muito grande ter conseguido satisfazer estes critérios de exigência e até de excelência", disse. "Trata-se do reconhecimento público do nosso trabalho, que é feito quase exclusivamente em Portugal e numa instituição que nem sequer é uma instituição pública estatal".

O galardão visa premiar aqueles que tenham manifestado uma capacidade superior de investigação num ou mais campos

de ciência e tecnologia alimentar, salientando-se "as contribuições para a metodologia, a competência demonstrada e os efeitos dos esforços de tais investigação sobre o avanço do estado da arte". O prémio será entregue numa cerimónia pública, durante o Congresso Anual do IFT em Nova Orleães (EUA), a 28 de Junho.

Para além deste prémio, o professor catedrático inclui no currículo académico outros galardões, como o Danisco International Dairy Science Award (2007) da American Dairy Science Association e o Young Scientist Research Award (2001) da American Oil Chemists' Society.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/24/>

Escolas vão debater UE

Janine Barbosa - lj04030@icicom.up.pt

Escolas portuguesas organizam debates, jornadas e encontros sobre temas europeus. Edição de 2008 decorre no âmbito do "Ano Europeu do Diálogo Intercultural".

Até 30 de Junho, as escolas dos 27 Estados-membros da União Europeia (UE) podem inscrever-se para participar na "Primavera da Europa", uma iniciativa que desafia os estabelecimentos de ensino a organizar actividades sobre temas europeus. O evento, promovido pela Comissão Europeia, destina-se a todas as escolas do ensino básico e secundário e tem como propósito que alu-

nos, entre os sete e os 17 anos, e professores, conheçam e compreendam melhor o projecto europeu.

Margarida Marques, chefe da representação da Comissão Europeia em Portugal, explica que "o objectivo é sensibilizar os jovens europeus para os desafios da Europa e levar estudantes e professores a discutir a UE".

No âmbito do "Ano Europeu do Diálogo Intercultural", que se assinala em 2008, a edição deste ano da "Primavera da Europa" decorre sob o lema "Ligando Culturas através do diálogo".

"A UE, alargada a 27, é cada vez mais ela mesma um espaço de diversidade cultural",

afirma Margarida Marques, acrescentando que "todos os movimentos migratórios para a Europa têm contribuído e têm aumentado essa diversidade intercultural".

"Há muitas escolas que escolhem o dia 9 de Maio, dia da Europa, para realizarem estas iniciativas", diz. Neste momento estão inscritas 114 escolas portuguesas.

A iniciativa foi lançada em 2003, ano em que participaram no evento 5 mil estabelecimentos de ensino envolvendo 750 mil estudantes.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/23/>